

# IGREJA E CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE ÉVORA

## A sua Conservação

Maria do Céu Simões Tereno\*  
Universidade de Évora

### 1. Introdução

Os grandes monumentos são, quase sempre, marca do génio e engenho dos seus construtores, e são marcos de referência que podem sintetizar os conceitos de vida, de arte e até , os sentimentos da sociedade que lhes dá forma, marcos que conservam essa memória para os tempos vindouros.

A Igreja de S. Francisco de Évora e o que resta do seu Convento, recorda-nos constantemente os aspectos da história a que está intimamente ligada e o acompanhamento próximo das vicissitudes físicas a que o tempo a sujeitou faz-nos temer que este farol se possa extinguir sem glória.

Felizmente desde a altura em que abordamos este tema pela primeira vez, em 1996<sup>1</sup>, em que se notava uma demorada paragem nas atenções de conservação, temos observado algumas intervenções que prenunciam um empenhamento renovado nos cuidados que a vida de um monumento com a dignidade e as características deste, salientadas por autoridades nesta área, como o Professor Chicó, indubitavelmente merece<sup>2</sup>.

Assim, vamos notar os pontos principais da sua história, os tratamentos a que tem sido submetida para moderar a sua degradação, o estado em que se encontra e as medidas que se admitem para promover a sua salvaguarda e conservação.

### 2. Notas Históricas

Esta Igreja, consagrada a S. Francisco, desde princípios do século XIII, representa um marco histórico na cidade e teve projecção importante na sua vida.

No Convento anexo estanciou a família real, e a sua importância parece revelar-se, pelo número de capelas que foram instituídas pela população<sup>3</sup>.

Inúmeras gerações de eborenses consideraram este local como sagrado e nele assistiram a momentos mais solenes das suas vidas; os baptizados, os casamentos e até, os funerais.

Este local, designadamente esta Igreja, foi o cenário de acontecimentos marcantes na história de Portugal, como o casamento de D. Pedro I com D.

---

<sup>1</sup> Este trabalho tem como base, a dissertação de doutoramento, em Conservação do Património Arquitectónico, com o título *Contributo da Perspectiva para a Salvaguarda de Monumentos Históricos*, apresentada à Universidade de Évora, 1996, pela autora.

<sup>2</sup> Mário T. Chicó; M. Mendonça; F. de Pamplona; D. Peres; *História da Arte em Portugal*, Porto, 1970, p.104, onde refere : “ Um Monumento profundamente original, devido às novidades introduzidas no país, e ao modo como as conjuga com as fórmulas tradicionais”.

<sup>3</sup> Maria Ângela G. V. R. Beirante, *Évora na Idade Média*, Tese de Doutoramento policopiada, Lisboa, 1988, p. 742, onde menciona este facto : “ As ligações entre o convento franciscano e a cidade eram contudo, muito fortes, a avaliar pelo elevado número de capelas que os seus moradores fundaram no mosteiro. Como pregadores e confessores, os franciscanos atraíam a si a piedade dos eborenses que elegiam o mosteiro para última morada.”

Constança Manuel, da Infanta D. Maria com D. Fernando de Aragão, de D. Afonso de Portugal com D. Isabel de Castela<sup>4</sup>.

A sua já longa tradição e a sua qualidade arquitectónica, que lhe dão lugar de relevo, no cômputo dos monumentos nacionais, merece-nos uma empenhada atenção para não correr o risco de ficar empobrecido este património, já integrado no património mundial.

O conjunto constituído pela Igreja e Convento de São Francisco, foi implantado na antiga freguesia de S. Antão, fora da cerca romano-goda, e encontra-se orientado no sentido poente / nascente, situando-se a cabeceira da igreja a nascente<sup>5</sup> ( Fig. 1 ).

O padre António Franco ao actualizar a grafia da obra “Évora Ilustrada”, do padre Manuel Fialho, no início do Capítulo XI, sob o título - Convento de S. Francisco, fundado em Évora pelos anos de 1224 - refere: “ O Convento de S. Francisco, em Évora, é o mais antigo da Ordem na província do Alentejo. Sua fundação foi pelos anos acima ditos, qual fosse não consta. ”<sup>6</sup>

Frei Jerónimo de Belém, em “Crónica Seráfica”, mencionado por Túlio Espanca aponta também o ano de 1224, como data de fundação do Convento e da Igreja<sup>7</sup>.

José Manuel Queimado, pormenoriza a história da fundação da Igreja, mencionando que S. Francisco enviou filhos seus, S. Gualter e Fr. Zacarias, cerca de 1223, a Évora, para aí fundarem um convento da Ordem<sup>8</sup>.

Fundação que teria ocorrido em 1224, dada a boa vontade da população que lhes facultou o espaço e os meios financeiros para a construção do Convento.

O terreno cedido segundo a tradição abrangia a área entre a porta do Rossio e a porta do Raimundo<sup>9</sup>, e no local da actual Igreja, existiram anteriormente duas igrejas, uma delas também com sete naves ( tramos ? ), mas que não se igualava à que hoje admiramos<sup>10</sup> ( Fig. 2 ).

Augusto Filipe Simões, em “Archivo Pittoresco” escreveu diversos artigos sobre os Paços e o Convento e Igreja de S. Francisco, e, referindo uma crónica existente num livro de pergaminho do coro, por onde se cantavam as horas menores, transcreve o seguinte: “ Esta Casa de S. Francisco de Évora quero aqui por o que tem para os que vierem saibam o que é da Casa. Esta Casa tem por cêrca de porta do Rocio até à porta do Raimundo, tomando pela rua dos Toiros abaixo até à porta. E tem este alpendre e todo o adro sagrado assim como são as clausturas ambas e a Igreja, e de banda do muro da cidade não é sagrada, posto que o seja o adro.

A igreja era de sete naves, e no couce estava um côro muito honrado, e prégam no alpendre para caber a gente. A igreja de sete naves cahiu, e com

<sup>4</sup> Túlio Espanca, “ *Inventário Artístico de Portugal*”, Lisboa, 1966, p. 146

<sup>5</sup> Maria Ângela G. V. da Rocha Beirante, *ob. cit.*, p. 80

<sup>6</sup> Padre António Franco, *Évora Ilustrada – Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho*, Évora, 1945, p. 335. Maria Ângela G. V. R. Beirante, *ob. cit.*, p. 118, onde refere : “ O mosteiro dos franciscanos foi erguido no “arrualde de circa Corredoira” que lhe foi doado, em 1250, por João Estevens e sua mulher. Este Terreno era delimitado de um lado pela via pública da Corredoura ( correspondente à actual R. da República ) e pela via para a Fonte Santa”.

<sup>7</sup> Túlio Espanca no seu artigo sobre “ Palácios Reais de Évora”, Cidade de Évora, nº 11 – 1946, p. 45, e Maria Ângela G.V. R. Beirante, *ob. cit.*, p.241

<sup>8</sup> José Manuel Queimado, “ *Alentejo Glorioso – Évora suas ruas e conventos* “, Évora, 1975, p. 121, e Augusto Filipe Simões, “ Évora : Igreja e Convento de S. Francisco”, em “ *Archivo Pittoresco*”, Lisboa, XI, 1868, p.10

<sup>9</sup> Pode constatar-se a dimensão da propriedade então atribuída à irmandade franciscana, através do mapa que se encontra incluído na obra *Atlas das Cidades Medievais Portuguesas*, A. H. de Oliveira Marques, Iria Gonçalves e Amélia Aguiar Andrade, Lisboa, 1990, pp. 83-85

<sup>10</sup> Albrecht Haupt, *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*, Lisboa, 1986, p. 257, refere a imponência da igreja, nestes termos : “Das igrejas que aqui encontramos, a mais importante e que maior significado tem para nós é, exceptuando a Sé em primeiro gótico, a de S. Francisco, sobretudo pela sua forma característica no exterior. É uma das maiores construções religiosas de finais da Idade Média.”

esmolas a tornaram a fazer os padres de três naves, e tornou a cair com parte do alpendre, de que esta casa recebeu grande perda e damno, e reinou D. Afonso V, e houve grandes guerras com Castella.”<sup>11</sup>.

Este autor não está, porém, de acordo com a crónica, visto que lhe parece pouco razoável que em apenas dois séculos, os frades com grande tradição de pobreza, tivessem erguido uma igreja com sete naves, quando na altura eram comuns as igrejas com cinco naves, entretanto tivesse ruído e voltado a ser construída e, ainda, mais tarde tivesse ficado em ruínas esperando os frades a magnanimidade do Rei para voltarem a ergue-la.

Cerca de 1483 se iniciaram as obras para os fundamentos da igreja que actualmente existe, e que foi construída com a intenção de ser utilizada como capela real. Pensa-se que o seu arquitecto foi Martim Lourenço<sup>12</sup> ( Figs. 3, 4 e 5 ).

Destas obras se encontra memória no foral que D. Manuel deu à cidade de Évora, em 1501, e que, segundo A. Filipe Simões: “ Tem no princípio um desenho de cores, tosco e imperfeito, que representa a cidade n’aquella época, e por cima a seguinte epigraphe gótica: “Ebura colonia romana”. Ahi se vê a egreja de S. Francisco, tendo as paredes incompletas com um guindaste a indicar as obras que n’ella se faziam. “<sup>13</sup> ( Fig. 6 ).

A lenda conta que as obras estiveram paradas na igreja durante cerca de uma década, e disso nos dá notícia o padre Manuel Fialho, citado pelo padre António Franco, em obra já mencionada: “ É tradição que o oficial depois que a teve nos arrancamentos da abóbada, entregando as medidas a El-Rei dizendo que haviam de servir, desaparecera e não houve quem se animasse a fechar a abóbada. E assim esteve 10 anos. Então apareceu o oficial, dando por razão que se a fechara se arruinaria, que agora o podia fazer por estarem assentadas as paredes. Tomadas as medidas, se achou terem abatido sete palmos. Fechou-se com a segurança que tem e que promete. “<sup>14</sup>

D. Manuel acrescentou à obra já iniciada, com a sua enorme nave central, uma galilé para cobrir o espaço de acesso à igreja. O encaixe deste terraço na fachada da igreja, cobriu os óculos ali existentes<sup>15</sup> ( Figs. 7, 8, 9, 10 e 11 ).

Mandou ainda acrescentar a torre sineira e mandou decorar ricamente a igreja ( Figs. 12 e 13 ).

As dimensões e a riqueza da decoração provocaram o epíteto de Convento do Ouro para este conjunto arquitectónico.

Ao descrever esta igreja, em “ Évora - na História e na Arte “, Celestino David utilizou elementos extraídos da Crónica Seráfica do padre Fr. Jerónimo de Belém e que refere o seguinte: “ diz que a igreja tem 218 palmos, e 60 de largo, sem haver nela parede que exceda a grossura de três palmos, nem passando a cimalha das

---

<sup>11</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 18, e também Gabriel Pereira, *Documentos da Cidade de Évora*, Évora, 1886, fascículos XII, XXI e XXII.

<sup>12</sup> José Custódio Vieira da Silva, *O Tardo-Gótico em Portugal – A Arquitectura no Alentejo*, Lisboa, 1989, p. 91. Este autor situa a reconstrução da igreja, alguns anos mais cedo, apoiando-se nos seguintes factos : “ As guerras em que D. Afonso V se envolveu com Castela decorreram entre 1475-1479, tendo-se a batalha crucial de Toro desenrolado em 1476. Se dermos crédito às palavras do cronista, seria, pois, a partir destes anos que a reconstrução e aumento da igreja de S. Francisco se teriam iniciado.”

<sup>13</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 32

<sup>14</sup> Padre António Franco, *Évora Ilustrada – Extraída da Obra do Mesmo Nome do Padre Manuel Fialho*, Évora, 1945, p. 335. José C. Vieira da Silva, em obra citada, apresenta outro aspecto de interesse, que poderia justificar a paragem nas obras a decorrerem em S. Francisco. Na página 93 refere : “ De acordo com uma dessas tradições, tal facto devera-se à necessidade de melhor estudar a maneira de abobadar aquele enorme espaço; outra tradição aponta, por imperícia e receio dos mestres em assentarem abóbada tal larga em paredes tão pouco espessas, o abandono das obras e a fuga dos artistas”.

<sup>15</sup> Albrecht Haupt, *ob. cit.*, p. 261

mesmas capelas de dois terços da altura. “ É toda de abóbada, formada de arcos de pedra, diz o mesmo cronista, e parece sustentar-se no ar por falta de acompanhamento e repuxo; e tão desmesurada na proporção geométrica que excede as regras de arquitectura. “<sup>16</sup>

Convertendo em dimensões actuais as medidas acima mencionadas, temos 36,10 metros de comprimento da nave, por 12,80 metros de largura.

A altura, desde o pavimento até ao fecho da abóbada é de cerca de 26,80 metros ( Fig. 15 ).

De cada lado da nave central encontram-se seis capelas com 4,80 m de largura por 3,70 m de profundidade. O cruzeiro é um rectângulo com 30.92 m por 5,90 m.

A capela-mor tem 12,50 m de comprimento e 7,54 m de largura<sup>17</sup>.

No entanto em planta ( Fig. 14 ), constata-se que as dimensões são ligeiramente discrepantes relativamente às anteriormente referidas.<sup>18</sup> Assim a nave da igreja mede 35.10 m de comprimento, por 19.70. as capelas laterais à nave medem aproximadamente 4.95 m de largura por 3.75 de profundidade. Quanto ao transepto, mede 33.75 de comprimento, por 7.08 de largura. A capela-mor mede 12.5 de comprimento, por 10.41 de largura.

Augusto Filipe Simões fez, no “Archivo Pittoresco” uma descrição pormenorizada , do ponto de vista estrutural, que se transcreve pelo seu interesse, na qual nos baseamos para elaborar uma perspectiva da estrutura de igreja ( Fig. 16 ).<sup>19</sup>

A capela-mor conserva da obra inicial, de 1509, a estrutura geral do presbitério, as frestas laterais, e a abóbada de dois tramos, de cruzaria de ogivas, formando estrelas de seis pontas ( Figs. 17, 18 e 19 ).

No final do séc. XVIII, o cônego António Landim Sande, mandou executar o retábulo em mármore da região, que actualmente se admira e que foi sagrado em

---

<sup>16</sup> Celestino David, “ Évora - na História e na Arte “, Porto, 1930, p. 14, e José Custódio V. da Silva, *ob. cit.*, p. 100, onde refere : “ O sistema de cobertura utilizado em S. Francisco, pelas suas dimensões e estrutura, constitui, sem dúvida, o dado mais original desta construção.” E ainda, na p. 100 : “ No entanto, e devido à fraca espessura das paredes laterais, o sistema de suporte da abóbada é completado por poderosos contrafortes internos de alvenaria, que se erguem sobre as paredes divisórias das capelas laterais. Mas as próprias paredes laterais têm inscritos, do lado da nave, grandes arcos diafragmas, que concorrem também para desviar lateralmente o peso da abóbada, aliviando assim os muros.” Também António Francisco Barata, “ *Roteiro da Cidade de Évora* “, Évora, 1881, p.11, aponta : “ Nesta igreja, como na casa do capítulo da Batalha, está resolvido um problema difícil de mecânica. Sem gigantes, botareos ou outras obras de fortificação e reforço, allí se conserva há séculos majestoso milagre d’arte que assusta e admira.”

<sup>17</sup> Caetano da Câmara Manuel, *Através a Cidade de Évora*, Évora, data, pp. 81-81

<sup>18</sup> Planta cedida pela DREMS - Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul

<sup>19</sup> A. Filipe Simões, *ob. cit.*, p. 63, “ A traça que o de S. Francisco imaginou para resolver com que nem todos se atreveriam, foi muito simples e engenhosa. Em vez de uma só parede de proporcionada grossura, construiu duas de cada lado da igreja, separadas por um vão de pouco mais de 3 m, cuja parte inferior aproveitou para accommodar as capellas lateraes. De espaço a espaço travou as duas paredes com outras transversaes, que em baixo separam as capellas entre si. Sobre estas paredes transversaes, que são seis de cada lado, estribou igual número de arcos, que dividem o tecto n’outras tantas secções, e ao mesmo tempo servem de base a novas paredes, que por cima da abóbada continuam as transversaes de um lado da igreja com as do lado oposto. E em correspondência a estas paredes superiores, e nos mesmos planos, construiu outras debaixo do chão, que igualmente continuam as transversaes. D’est’arte formou no templo seis quadros ou caixilhos enormes, que dentro d’elle se não vêem, por ficarem dos lados, entre as paredes geraes, em cima superiores à abóbada, e em baixo enterrados no chão. Descubrem-se, porém, sobre os telhados as paredes que transversalmente prendem as fachadas lateraes da igreja, isto é as partes superiores dos quadros. Para fazer mais segura a sua obra, o architecto ergueu outra parede longitudinal por cima de todo o acume da abóbada, cortando assim perpendicularmente e na linha média do tecto as paredes transversaes, e do mesmo modo travou as inferiores com uma parede semelhante, que ligou debaixo do chão os dois extremos da nave. ... Como dissemos, só em cima dos telhados se vê o que chamaremos esqueleto do igreja, no qual reside a fortaleza com que ele tem resistido aos séculos que decorreram depois da reedificação apesar de serem de alvenaria as suas delgadas paredes”. e Maria do Céu Simões Tereno, *ob. cit.*, para um desenho sobre a estrutura da Igreja, executado com base na descrição de Filipe Simões, pp. 398-399. 4



1773<sup>20</sup>. Foi, nessa época, desmontado o altar manuelino, sendo apeados também os painéis flamengo-portugueses que actualmente se encontram dispersos por diversos museus<sup>21</sup>.

O claustro do convento foi mandado construir, em 1376, por D. Fernando Afonso de Moraes e executado por João de Alcobaça e ficou adjacente às paredes meridional e oriental da Igreja<sup>22</sup> ( Figs. 20 e 21 ).

De dimensões excepcionais, tinha mais de 130 colunelos de mármore branco, de que ainda restam alguns, apoiados em 19 gigantes de pedra<sup>23</sup>.

Em meados do passado século encontrava-se em ruína e esta, segundo Túlio Espanca, agravou-se: “ Com o apeamento de alguns lanços de arcaria, que se expuseram no Museu Regional, mas em boa hora, há cerca de 20 anos voltaram para o local, a insistência da DGEMN, que nessa época deu início à reintegração e restauro do monumento. “<sup>24</sup>

Depois das recentes obras de restauro, o remanescente do claustro foi consolidado, permitindo o acesso directo à Capela dos Ossos ( Figs. 22, 23 e 24 ).

A torre que existe é relativamente recente, datando das obras efectuadas na igreja entre 1860 e 1862, e substituiu o campanário manuelino aí existente<sup>25</sup>.

A Capela de S. Joãozinho, adjacente à Igreja, é obra da época de D. João III, cerca de 1540, e serviu, ainda que efemeramente, de freguesia, enquanto se efectuaram as obras na paroquial de S. Pedro<sup>26</sup> ( Fig. 25 ).

No braço direito do transepto encontramos a Sacristia, que foi restaurada durante as obras do final do século passado. Trata-se de uma sala rectangular cujas abóbadas em dois tramos, são em arco de claustro.

É também pelo braço direito do transepto que se tem acesso à Sala do Capítulo, dependência de três naves, uma central maior e duas laterais de dimensões menores, e cinco tramos, dois dos quais foram transformados em capela do Senhor Jesus dos Passos. A sua construção remonta, possivelmente, ao quarto decénio do séc. XVI.

Esta dependência foi utilizada com outras finalidades depois da secularização dos conventos, como Sala de Audiências Gerais do Tribunal da Comarca, até cerca de 1838. Depois sofreu alterações, das quais as mais significativas ocorreram no final do século passado, altura em que, sob o patrocínio do Dr. Francisco Barahona Fragoso, se construiu a Capela do Senhor Jesus dos Passos<sup>27</sup> ( Fig. 27 ).

Através da Sala do Capítulo tem-se acesso à Capela dos Ossos. De planta rectangular, é constituída por três naves, de quatro tramos, de características semelhantes à sala anterior<sup>28</sup> ( Fig. 26 ).

Encontra-se revestida de crânios e tíbias, e não se sabe com rigor a data da sua construção. Aventa-se a hipótese de ter tido início durante o séc. XVII<sup>29</sup>.

---

<sup>20</sup> Caetano da Câmara Manuel, *ob. cit.*, p. 82

<sup>21</sup> Ver sobre estas pinturas o artigo de Manuel Carvalho Moniz, *Évora no Passado*, Vol. I, Évora, 1970, “ Da autoria dos painéis quinhentistas de S. Francisco de Évora”.

<sup>22</sup> Pedro Dias, *A Arquitectura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1994, p.148

<sup>23</sup> Mário Tavares Chicó, *A Arquitectura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1968, p. 152, onde refere : “ No primeiro destes três tipos – o mais simples e mais frequente – podemos incluir também os claustros cobertos de madeira e aqueles que, tendo esta característica, se modificaram mais tarde, quando foram abobadados, como, por exemplo, o de S. Francisco. “

<sup>24</sup> Túlio Espanca, “ *Inventário Artístico de Portugal*”, Lisboa, 1966, p. 160

<sup>25</sup> Idem, p. 161

<sup>26</sup> Idem, p. 162

<sup>27</sup> Caetano da Câmara Manuel, *ob. cit.*, p. 89

<sup>28</sup> Idem, p. 87

<sup>29</sup> Idem, p. 162

Do lado esquerdo do transepto encontram-se as dependências afectas à Irmandade de Penitência da Ordem Terceira. Existentes antes do reinado de D. João V, foram ampliadas neste reinado e têm comunicação directa com o exterior.

Em 1937 foi necessário proceder à desobstrução da porta Norte da primitiva Igreja de S. Francisco, incorporada na actual, razão que determinou algumas amputações nas dependências da Ordem Terceira ( Fig. 28, 29 e 30 ).

Ficaram, assim, reduzidas à Sala do Consistório, de planta rectangular, e tecto em abóbada de penetrações pintada a fresco, com uma perspectiva central, de belo efeito, sala esta que tem acesso através da capela quinhentista dos Mendanhas ou Castros, coberta por uma abóbada de cruzaria de ogivas, já referida, mas de que se realça a sua sobriedade e beleza ( Fig. 31 ).

Aquando da extinção das ordens religiosas, em 1834, a Igreja de S. Francisco ficou abandonada durante alguns anos. Posteriormente a Irmandade da Ordem Terceira solicitou às entidades competentes a chave da Igreja, para procederem ao seu cuidado e também para patentearem ao povo a Capela dos Ossos.

No ano de 1840 a igreja foi instituída como paróquia de S. Pedro, o que aconteceu em 28 de Novembro desse ano<sup>30</sup>.

Entretanto, o estado de ruína em que o edifício se encontrava progrediu e tornou-se necessário fechá-lo. Isto foi impedido pelo prior da freguesia que promoveu uma subscrição com vista ao restauro da igreja.

As obras tiveram início em 1860 e dois anos depois foi novamente aberta ao culto<sup>31</sup>.

Parece, no entanto, que as obras foram feitas com pouca profundidade já que em 1930 o Dr. Celestino David dava conta, obra citada, do estado preocupante em que a igreja se encontrava: “ A abóbada ogival de nervuras na vasta e elegante nave de que demos as dimensões, é trabalho audacioso, sob o qual de há muito se fixam as atenções dos arquitectos, pois são alarmantes as lesões que oferece, embora se limitem, como afirmou recentemente, o arquitecto Sr. A. Bermudes, à abertura de fendas em toda a espessura dos tímpanos da abóbada compreendidos entre os arcos terciários e os formaletes, fendas que cortam os muros de um e outro lado da abóbada em todos os tramos da mesma e repetindo-se na parede da fachada principal, em toda a espessura, à direita e à esquerda do largo janelão central. “ ( Figs. 32, 33 e 34 )<sup>32</sup>

A acrescer às fissuras existentes e que se mantêm, tem de se contar também com as infiltrações que afectaram o pilar do lado esquerdo do cruzeiro e da zona da janela do lado direito do mesmo ( Fig. 19 ).

Dissemos em 1996 que toda a Igreja se encontrava num estado preocupante, em particular nos pontos já referidos e urge tomar providências para que não aconteça o pior, que é a perda irreparável de um edifício único no nosso país.

Setenta e um anos transcorridos podemos dizer que, apesar de algumas obras de conservação que foram feitas nesse espaço de tempo, não podem considerar-se afastadas todas as preocupações que, têm sido sentidas acerca do conjunto estrutural deste edifício.

### **3. As obras realizadas na Igreja e Convento de S. Francisco**

O conhecimento das obras realizadas nos edifícios da igreja e do convento de S. Francisco, permitem-nos apreciar os aspectos mais vulneráveis destas estruturas,

---

<sup>30</sup> Idem, p. 146

<sup>31</sup> Idem, p. 146

<sup>32</sup> Celestino David, *ob. cit.*, p. 14

bem como o conceito que tem orientado a sua salvaguarda, dentro do espírito expresso na Carta de Atenas e documentos seguintes, deste âmbito.

Para este efeito consultamos o respectivo processo existente na DREMS ( Direcção Regional de Edifícios e Monumentos do Sul , que contém a descrição das obras, e respectivos orçamentos, realizadas desde o início do século XX.

Pareceu-nos de interesse apreciar a regularidade dos cuidados de manutenção e estabelecer alguma comparação entre as diversas intervenções desenvolvidas ao longo do tempo para se avaliar quanto nos aproximamos ou distanciamos dos princípios de salvaguarda a que, desde o início, aderimos.

Adoptamos o critério, certamente discutível, porque dificilmente pode abranger efeitos de situações estruturais e conjunturais entretanto vividas, de actualizar todos os valores orçamentados para o ano de 2000, considerando os coeficientes de actualização do valor da moeda.

Nestes termos e para os efeitos pretendidos os valores orçamentais dos diversos anos vêm todos expressos em valores reportados a 2000.

Das obras realizadas extraímos as que nos pareceram mais significativa e mais ligadas às estruturas dos edifícios, não se incluindo, as intervenções de conservação dos painéis de azulejos, de pinturas murais e de talha dourada, efectuadas em 1987, 1997, 1998 e 1999.

Dos documentos existentes na DREMS, o mais antigo a que tivemos acesso respeita o ano de 1937. Parece reflectir preocupações manifestadas por personalidades que fundaram o Grupo Pró-Évora, de que salientamos o alarme lançado por Celestino David, em 1930, sobre o estado de conservação da igreja, principalmente, da sua abóbada

- Obras realizada na década de 1930-1939 :

Nesta década apenas se encontra registo das obras realizadas em 1937, de que extraímos os pontos principais<sup>33</sup> :

- demolição cuidadosa de paredes de alvenaria nos contrafortes dos telhados do corpo da Igreja;
- cintagem de betão armado na estrutura geral dos telhados;
- reparação geral de ameias;
- reconstrução geral do pavimento de tijolo;
- reconstrução geral de telhados existentes, com telha românica;

O valor destas obras corresponde a 51.025.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1940-1949 :

Não constam quaisquer obras nesta década, na qual decorreu a II Guerra Mundial, devido a este facto e ainda à circunstância de se considerarem consistentes as obras feitas na década anterior.

- Obras realizadas na década de 1950-1959 :

Nesta década decorreram obras em 1955, 1956 e 1958.

Destacam-se as obras realizadas em 1955, com uma intervenção mais marcada na área de coberturas, com a reconstrução de telhados da sacristia, da capela dos Ossos, do lado esquerdo do transepto. Foram refeitas juntas em terraços, e construídas cintas de betão armado...<sup>34</sup>

Estas obras correspondem a 11.848.000\$00.

As obras de 1956 e 1958, igualmente centradas nas coberturas, correspondem a 9.151.000\$00<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1937

<sup>34</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1955

<sup>35</sup> Idem, 1956 e 1958

As obras nesta década totalizaram, assim, 20.999.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1960-1969:

Nesta década houve obras de pouca monta em 1960, 1962, 1963, 1965, 1966 e 1969<sup>36</sup>.

Respeitaram a limpezas e isolamento nos telhados, assentamento de tijoleira, rebocos e caiações e reparação de canalizações de água e de esgoto.

As obras nesta década totalizaram 4.962.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1970-1979 :

Foram realizadas obras em 1973, 1974, 1975, 1977, 1978 e 1979<sup>37</sup>.

Destas obras parecem de realçar :

A reconstrução da cobertura da Capela de S. Joãozinho, em 1973<sup>38</sup>; limpeza e reparação de telhados e gárgulas, em 1975<sup>39</sup>; assentamento de colunas de mármore, de bases de capitéis e aduelas de arcos, no claustro do convento, em 1977<sup>40</sup>; reparação e limpeza de telhados e gárgulas , bem como reconstrução de canalização de águas e esgotos, em 1979<sup>41</sup>

Nesta década as obras corresponderam ao total de 12.233.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1980-1989 :

- Foram realizadas pequenas obras de conservação em 1980, 1981, 1983, 1985 e 1987<sup>42</sup>.

As de 1980, 1981 e 1985 respeitaram a limpeza de telhados essencialmente.

As de 1987 centraram-se principalmente, na Capela de S. Joãozinho, com limpeza e reparação de telhados, substituição do pavimento e beneficiação da soleira da entrada da Capela.

O valor de todas as obras corresponde a 3. 694.000\$00.

- Obras realizadas na década de 1990-1999 :

Constam obras de beneficiação do edifício em 1996; Obras de consolidação em 1997e obras de conservação em 1999.

As beneficiações de 1996 foram apontadas , essencialmente, para os terraços e telhados <sup>43</sup>.

Em 1997 a atenção foi dirigida para o revestimento do edifício, e para a recuperação de portas, janelas e vitrais<sup>44</sup>.

Em 1999, foi feita a reparação de rebocos exteriores e a colocação de um tirante em aço inoxidável, na parede da fachada sobre a galilé<sup>45</sup>.

Nesta década as obras correspondem ao total de 36.365.000\$00.

- Obras realizadas na década iniciada em 2000:

Em 2000 foram executadas obras de reparação de rebocos em paredes exteriores e reparação de merlões<sup>46</sup>.

Em 2001, continua a reparação de rebocos em paredes exteriores e caiação, orçamentadas em 8.250.000\$00 <sup>47</sup>.

<sup>36</sup> Idem, 1960, 1962, 1963, 1965, 1966 e 1969

<sup>37</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1979 1973, 1974, 1975, 1977, 1978 e 1979

<sup>38</sup> Idem, 1973

<sup>39</sup> Idem, 1975

<sup>40</sup> Idem, 1977

<sup>41</sup> Idem, 1979

<sup>42</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1980, 1981, 1983, 1985 e 1987.

<sup>43</sup> Idem, 1996

<sup>44</sup> Idem, 1997

<sup>45</sup> Idem, 1999

<sup>46</sup> Idem, 2000

<sup>47</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 2001<sub>8</sub>

O valor destas obras totaliza 29.473.000\$00.

Pelos elementos recolhidos observa-se que as principais vulnerabilidades do edifício se encontram nas coberturas. Consta da memória descritiva da empreitada nº 4/97/DREMS que está a ser elaborado pelo LNEC ( Laboratório Nacional de Engenharia Civil ) um estudo referente à estabilidade do edifício da igreja<sup>48</sup>.

Na memória descritiva da empreitada nº 6/98/DREMS refere que aqueles estudos não estão concluídos, o que condiciona as intervenções de conservação, para não interferirem com as investigações a realizar<sup>49</sup>.

Considerando como uma mesma intervenção programada no tempo, a que se tem desenvolvido desde 1996 até 2001, podemos dizer que este edifício mereceu, ao longo das últimas seis décadas, três intervenções importantes : a de 1937, a de 1955 e a de 1996-2001, sendo as mais significativas a primeira e a última, em termos de valores despendidos.

Ao longo destes 64 anos foram despendidos 158.751.000\$00.

A intervenção de 1937 representa 32.1% do total das intervenções; a de 1955 representa 7.5% e as de 1996-2001 representam 41.5 %.

Assim, este conjunto de intervenções representa 81.1% do total dos valores despendidos e os restantes 18.9% correspondem a todas as intervenções que foram feitas sem características de continuidade, ao longo destas décadas.

#### **4. Estado em que se encontra a Igreja de S. Francisco**

A Carta da Conservação e do Restauro e as Cartas posteriores, relacionadas com esta matéria, apontam para a elaboração de relatórios analíticos e críticos, devidamente ilustrados com desenhos e fotografias, sobre as intervenções realizadas, para facultar o conhecimento dos edifícios e proporcionar elementos para o desenvolvimento científico desta área.

Não tivemos acesso a relatórios deste tipo respeitantes às intervenções feitas no edifício, por este motivo, com os elementos disponíveis procuramos estabelecer um esboço de historial desta Igreja, tendo em vista a fundamentação de uma acção de salvaguarda a empreender.

Aos elementos históricos obtidos, foram acrescentados os relatos dos pontos principais das obras de conservação e de restauro realizadas, apenas nas últimas seis décadas, únicas a cujos registos tivemos acesso.

Depois da recolha destes dados temos visitado a igreja em 1996 e em 2000, para obter um conhecimento o mais próximo possível do seu estado de conservação.

Além da observação atenta do seu interior, visitamos a parte acessível dos telhados para apreciação do seu estado e necessidades.

A descrição das obras de restauro e de conservação feitas desde 1937, permite-nos, mesmo sem outros elementos, afirmar que esta Igreja se encontra numa situação carente, apesar dos cuidados que ultimamente tem merecido.

Como se viu, a abóbada da nave foi alvo de atenção cuidada em 1937 e, a partir dessa data, não mereceu tratamento específico. Não pode, por isso, estranhar-se que as fendas, já mencionadas por Celestino David, em 1930, tenham crescido paulatinamente, apresentando as actuais dimensões preocupantes ( Fig. 34, 35 e 36 ).

---

<sup>48</sup> Idem, 1997

<sup>49</sup> Memória Descritiva do Processo nº S. 07. 05. 10/017, Direcção Geral de Edifícios e Monumentos do Sul, 1998

Além destas fendas, muito visíveis, existem outras, igualmente visíveis e preocupantes, que continuam na fachada principal da Igreja as fendas das abóbadas, e notam-se já desagregações da alvenaria na fachada posterior, na zona da capela-mor, a corresponder, sensivelmente, ao local onde abateu o brasão.

Na parte superior das fendas que ladeiam a grande janela da fachada principal, nota-se a aplicação de “gatos”, cobertos por reboco, mas que parece não terem solucionado o problema. Recentemente foi colocado um tirante nesta fachada, por cima da galilé.

A associação destas fendas com as da abóbada permite admitir que se tenha verificado algum desvio na verticalidade das fachadas laterais a que poderá estar ligada a retirada do edifício encostado à fachada esquerda e a ruína do claustro encostado à fachada direita, que poderiam, de alguma forma, desempenhar o papel de suportes.

Além destes, existiam problemas, embora de menor monta, nas coberturas da Capela dos Ossos e da Capela de S. Joãozinho, que se espera tenham obtido solução com as intervenções recentes.

As fendas estendiam-se à abóbada do transepto, onde eram visíveis largas áreas húmidas, devido a infiltrações de águas pluviais, entretanto solucionadas ( Fig. 19 ).

Em 29 de Julho de 1995, desligou-se e caiu o brasão de armas reais que encimava a parede frontal da capela-mor. Admite-se que tal facto se possa atribuir à trepidação provocada por tráfego intenso que se verificava na Rua da República ( Fig. 18 ).

O que resta da arcaria do claustro foi recentemente utilizada como acesso à Capela dos Ossos, permitindo que as celebrações não sejam interrompidas.

## **5. Medidas de conservação que se julgam necessárias para a sua salvaguarda**

A situação descrita faz-nos sentir a necessidade de vários níveis de intervenção e da participação de entidades com diferentes graus de responsabilidade.

Algumas Convenções e Recomendações, no âmbito da UNESCO, frisam a responsabilidade dos Estados na salvaguarda do seu património cultural, responsabilidade que se materializa com a adopção de medidas legislativas, de medidas financeiras e de criação de estruturas para a concretização das acções de manutenção, de conservação, ou de restauro, necessárias a esse fim.

Sugere-se mesmo, que essas acções de conservação podem ser contratadas com empresas qualificadas para o efeito, se não existirem estruturas próprias.

A manutenção e a conservação, devem ter um carácter de permanência, mas a diferença de meios envolvidos aponta para que a manutenção seja das atribuições das entidades utilizadoras, enquanto a conservação se situa no âmbito de responsabilidades do Estado, como estabelece o nº 2 do Art.º 4º da Lei nº 13/85 de 6 de Julho.

Estabelece a Lei, neste Artigo, que o Estado promoverá as medidas necessárias e indispensáveis a uma acção permanente e concertada de levantamento, estudo, protecção, conservação e valorização dos bens culturais. A concretização destas medidas será muito benéfica para a conservação deste monumento.

A continuidade de acções de conservação que se têm desenvolvido, desde 1996, deixam-nos entender que se está no bom caminho, pois sabe-se como as pausas demoradas nestas acções são prejudiciais à conservação de um monumento e tornam mais onerosas e de resultados mais problemáticos as novas intervenções.

No campo da conservação, poderemos ainda admitir, apoiando-nos na Carta Internacional para a Salvaguarda das Cidades e Bairros Históricos, uma alteração na circulação rodoviária nas imediações desta Igreja, para não sujeitar as suas paredes estruturais às trepidações provocadas por veículos pesados.

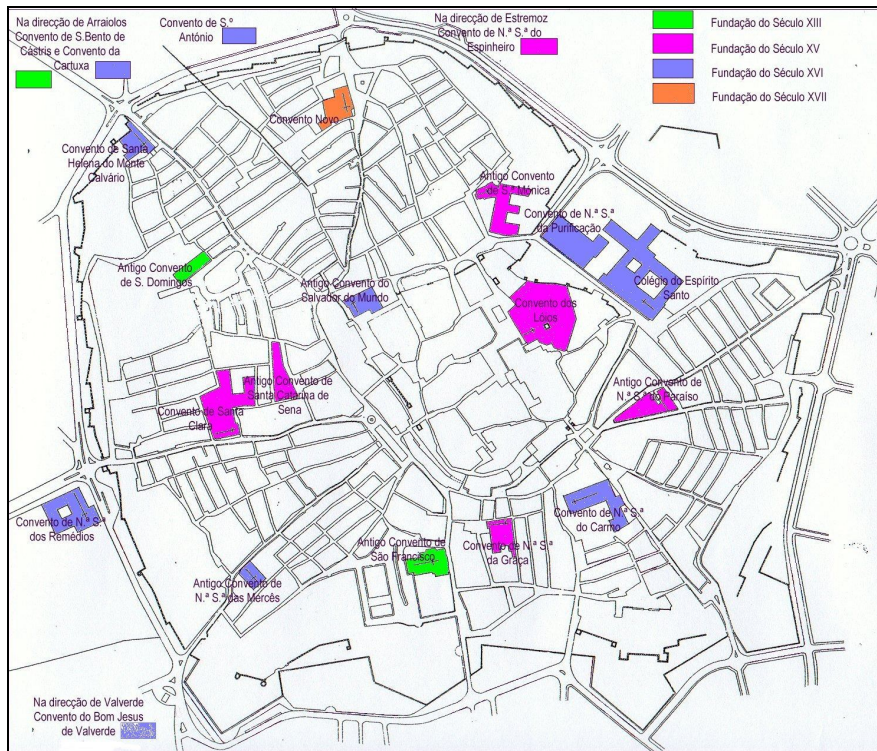
Numa perspectiva de intervenção de restauro seria desejável a constituição de uma equipa com técnicos das áreas científicas necessárias, dentro da que são previstas nos documentos doutrinários da UNESCO, para que o restauro não se limite a uma transferência do problema para alguns anos mais tarde e seja realizado o estudo profundo indispensável a uma intervenção com a dimensão requerida, para a qual se poderia sugerir a contribuição de mecenas interessados na salvaguarda do património.

O estudo da estabilidade deste edifício, em desenvolvimento pelo LNEC, poderá trazer luz sobre as necessidades de consolidação das paredes estruturais do edifício e da abóbada da nave, para que se obtenha uma continuidade assegurada de um edifício com as características arquitectónicas valiosas que este possui.

As acções desenvolvidas a partir de 1996 parecem mostrar que este edifício está a merecer das entidades responsáveis as atenções de estudo e conservação que nos permitem admitir estar-se no caminho de ser garantida a sua salvaguarda.

- Professora Auxiliar do Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico da Universidade de Évora





**Fig.1** – Planta com a implantação e data de fundação dos conventos da Cidade de Évora.



**Fig.2** – Vista antiga da Igreja e Convento de S. Francisco de Évora (DGEMN).





**Fig.3** – Vista de conjunto da Igreja de S. Francisco de Évora.

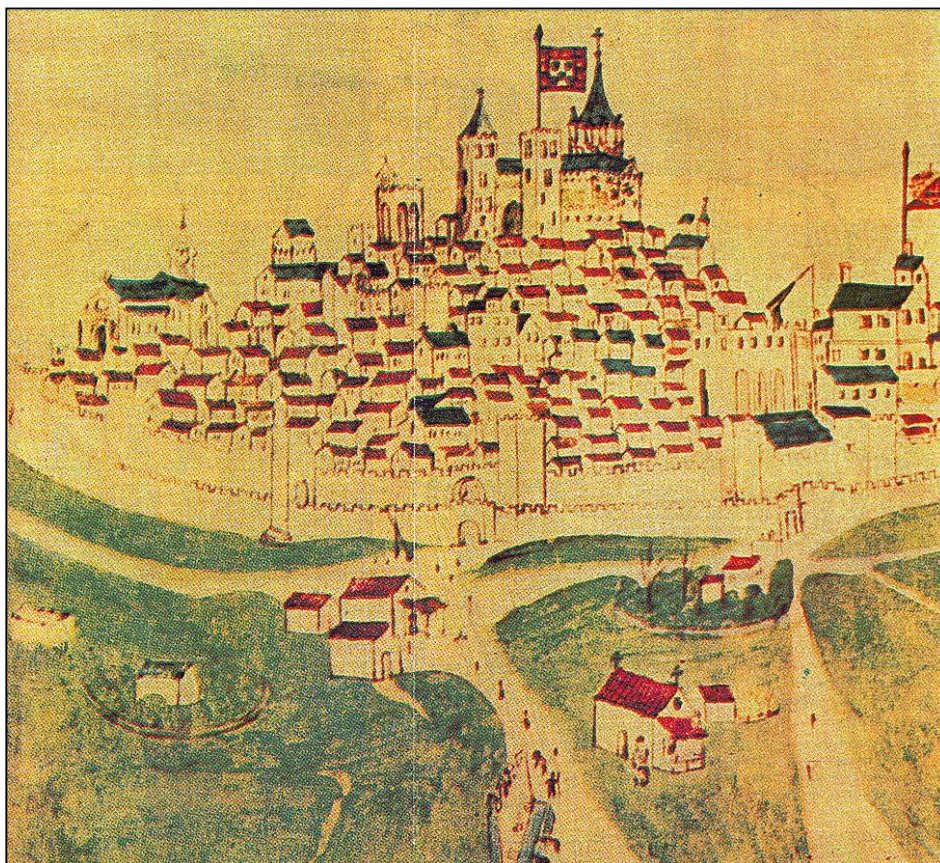


**Fig.4** – Vista lateral do conjunto da Igreja de S. Francisco de Évora.



**Fig.5** – Vista do conjunto da Igreja de S. Francisco em 1996.

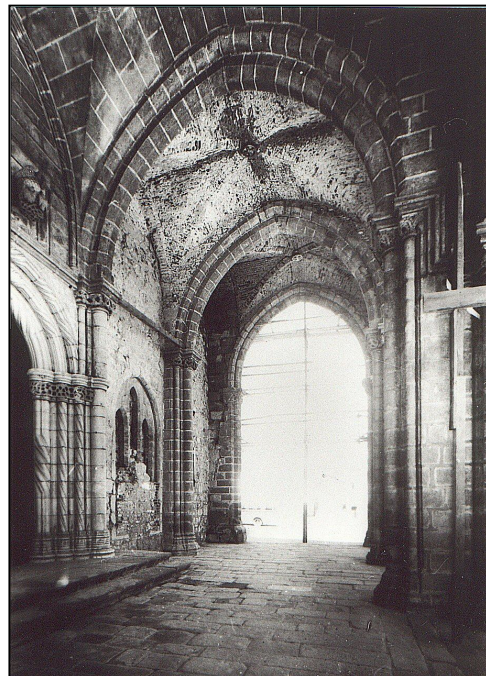




**Fig.6** – Fotografia do Foral concedido por D. Manuel I à Cidade de Evora em 1501, e onde é visível a realização de obras na Igreja de S. Francisco.



**Fig.7** - Vista da galilé, mandada erigir por D. Manuel I.

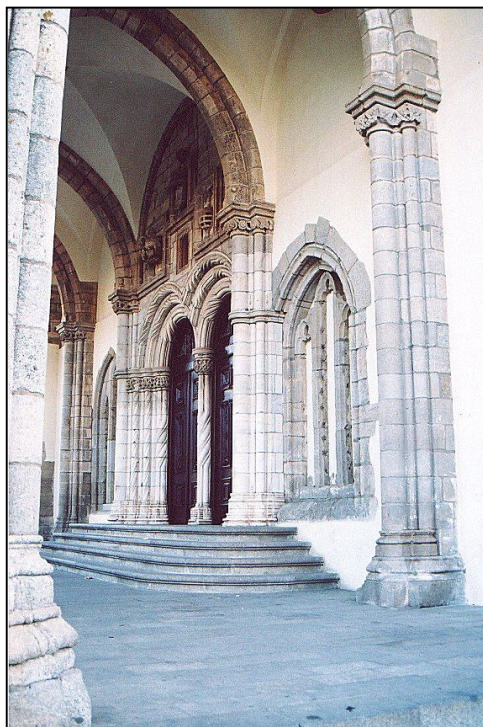


**Fig.8** – Vista da galilé, aquando das obras realizadas em 1937 ( DGEMN).





**Fig.9** – Vista da janela gótica, que se encontra obstruída. Obras de 1937 ( DGEMN).



**Fig.10** - Vista actual do portal de entrada, e da mesmas janelas.

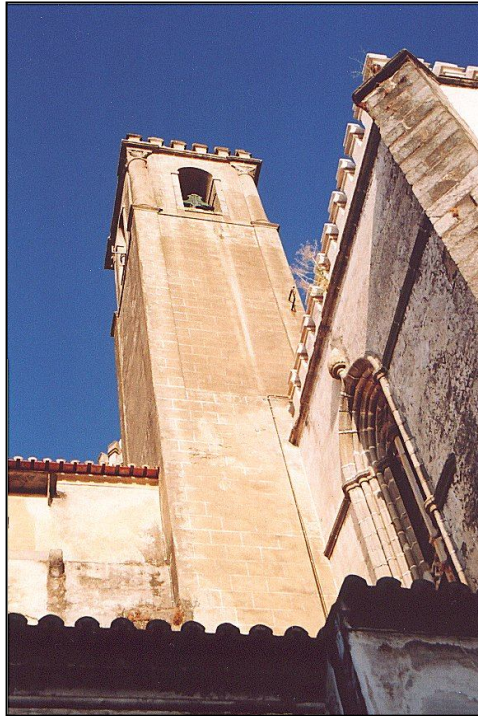


**Fig.11** - Vista da parte superior da porta principal.



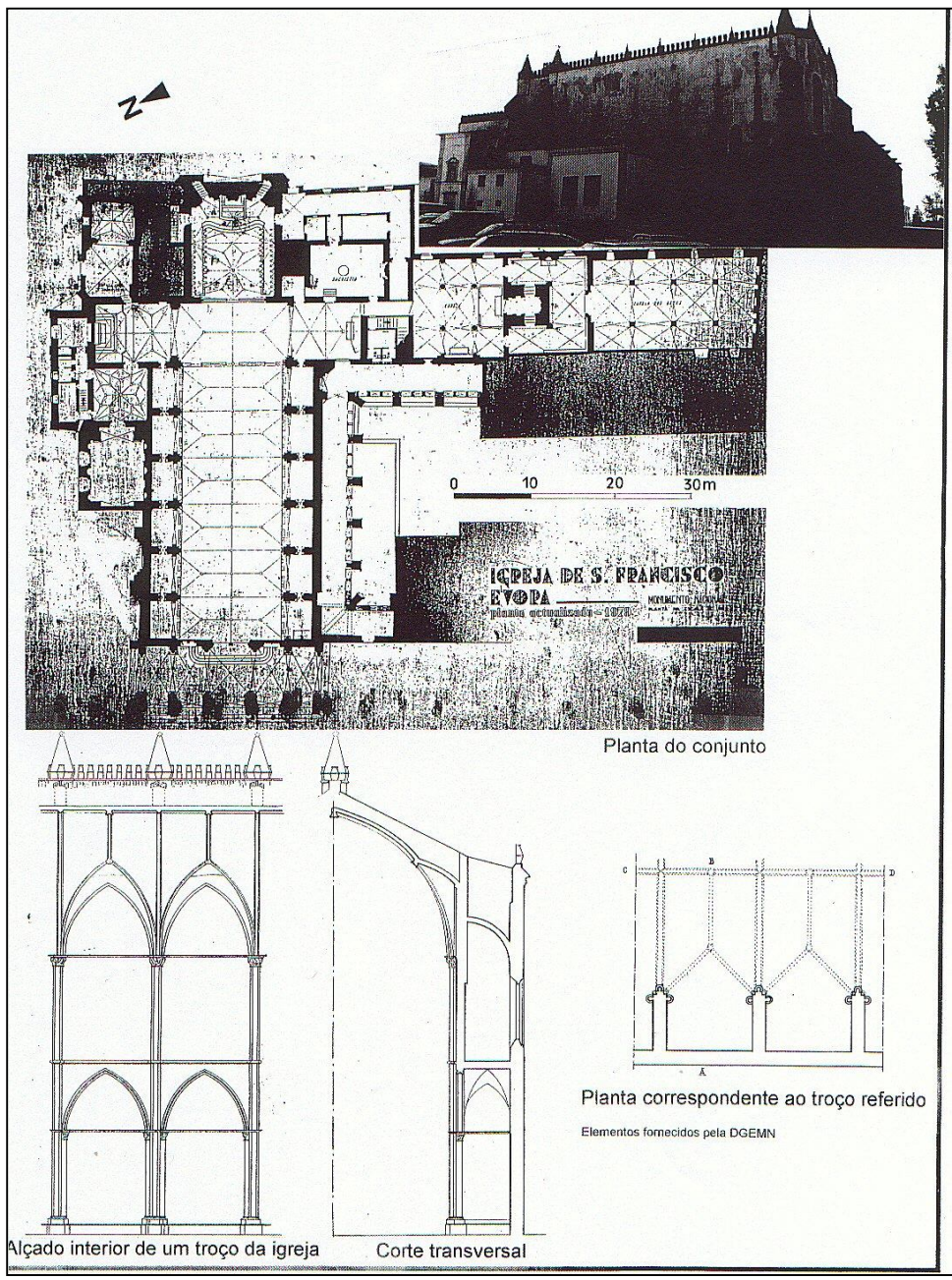


**Fig.12** - Vista posterior da Igreja de S. Francisco de Evora.



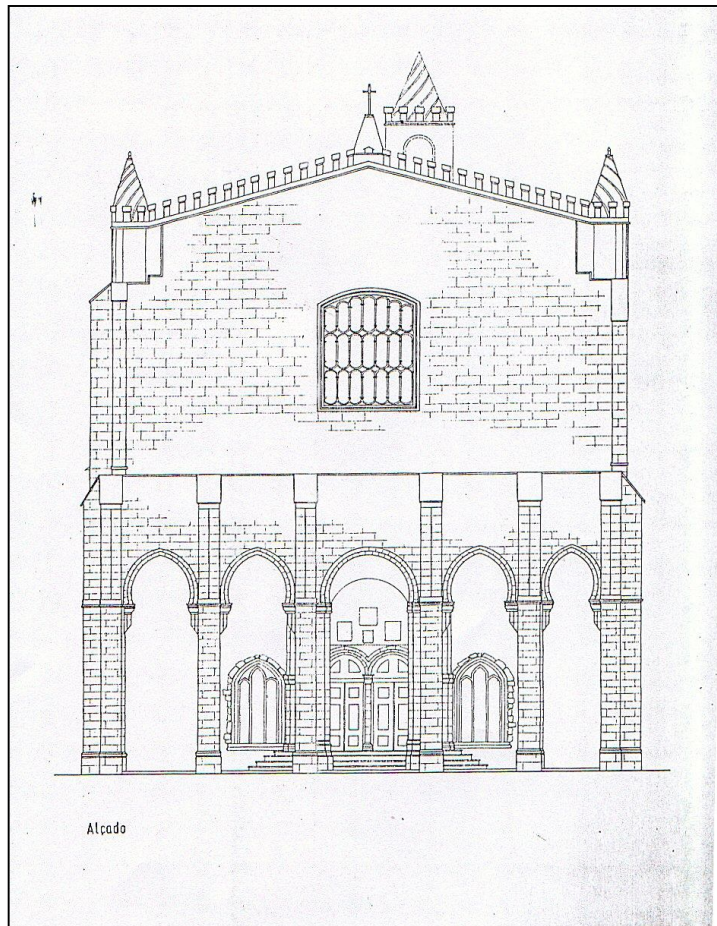
**Fig.13** - Vista da torre sineira.



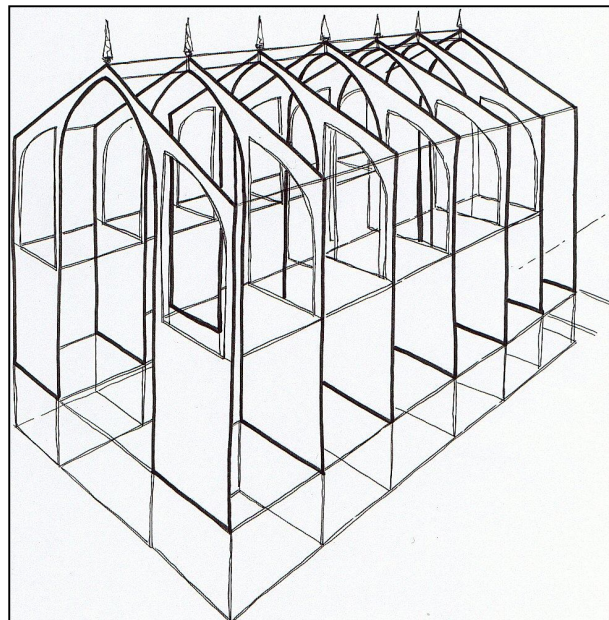


**Fig. 14** – Planta e pormenores de cortes do conjunto da Igreja e resto do Convento de S. Francisco de Évora.



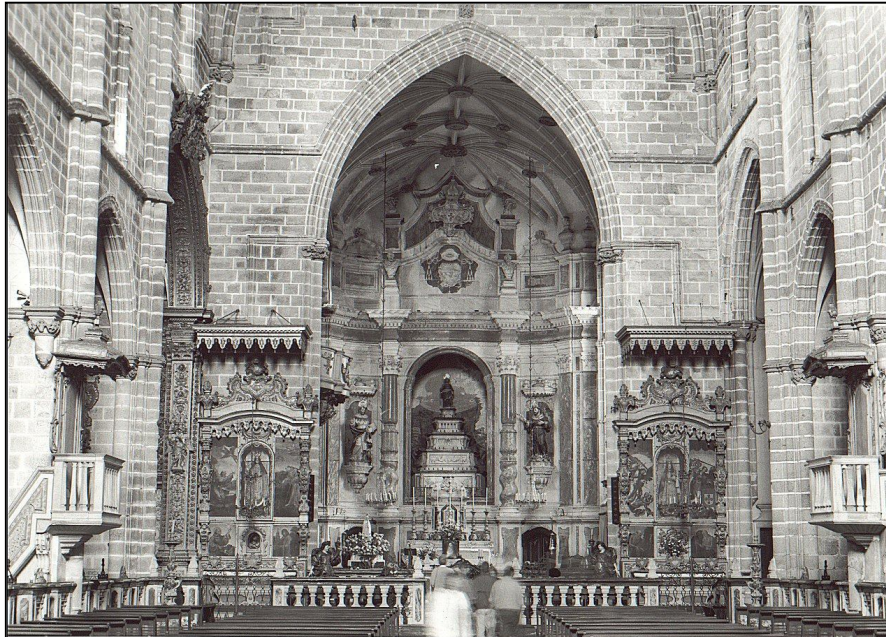


**Fig.15** - Alçado principal da Igreja de S. Francisco de Evora.

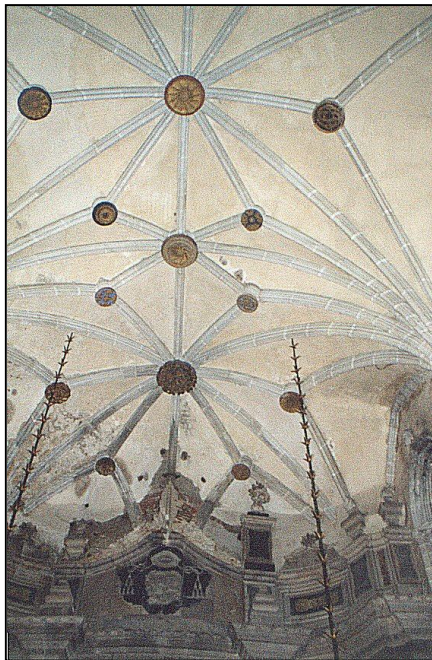


**Fig.16** – Estrutura da Igreja, com base numa descrição de Augusto Filipe Simões.

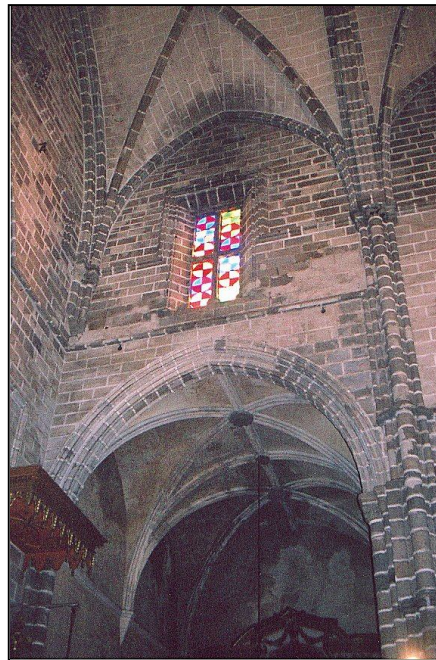




**Fig.17** – Vista da capela-mor da Igreja de S. Francisco de Évora (DGEMN).

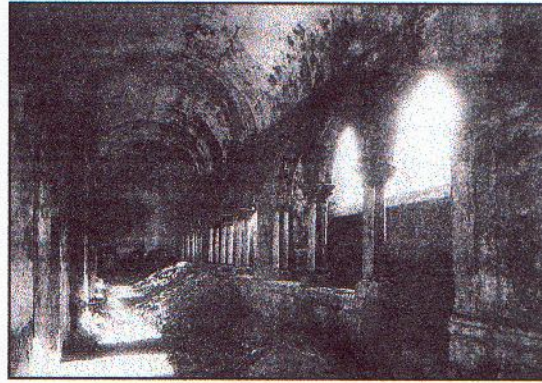
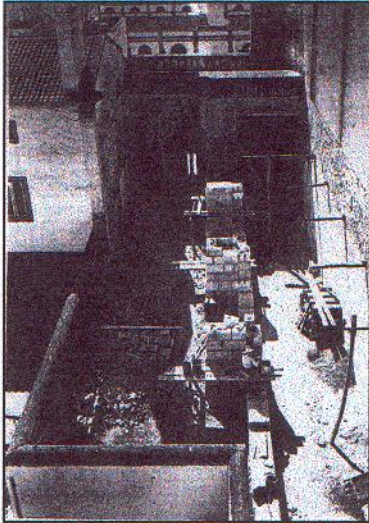


**Fig.18** – Vista do tecto da Capela-mor.

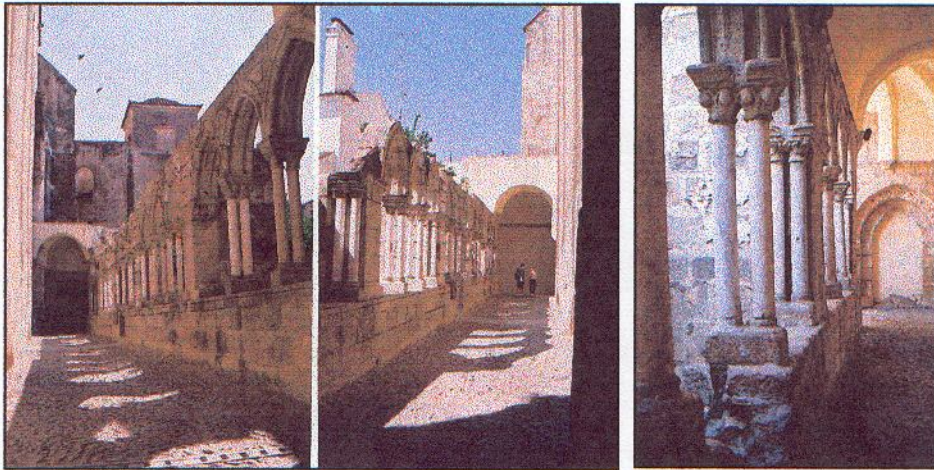


**Fig.19** – Vista do lado direito do tecto do transepto.





**Figs. 20 e 21** – Vistas das obras efectuadas no claustro, em 1937 ( DGEMN ).



**Figs. 22, 23 e 24** – Vistas actuais das recentes obras realizadas em finais da década de 90.





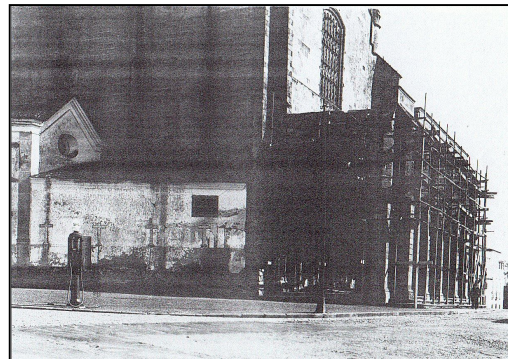
**Fig.25** – Vista da porta de acesso à Capela de S.Joãzinho.



**Fig.26** – Vista da Capela dos Ossos.

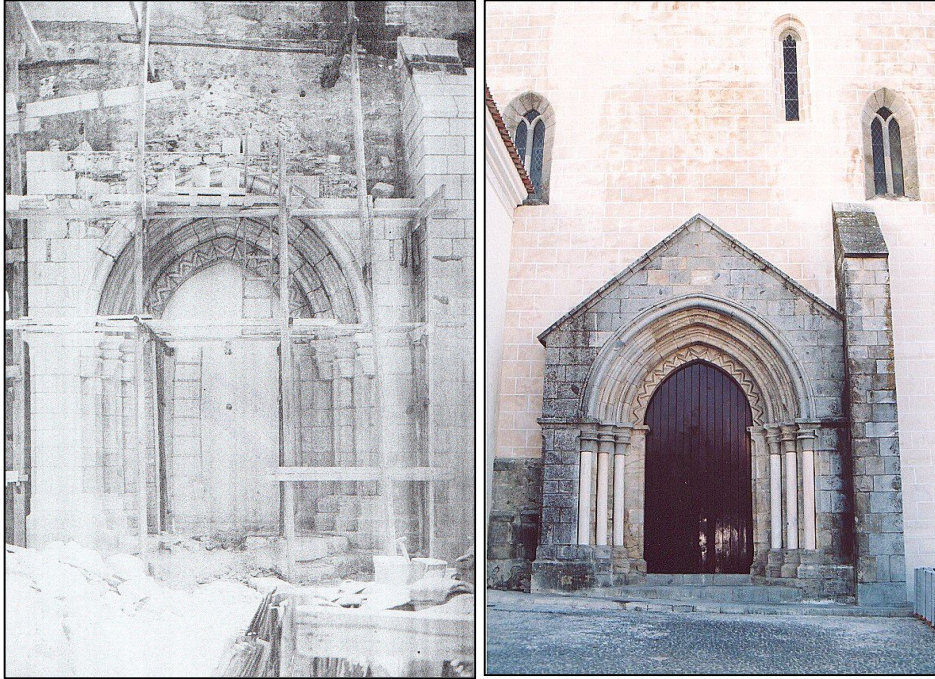


**Fig.27** - Vista da Capela do Senhor Jesus dos Passos.

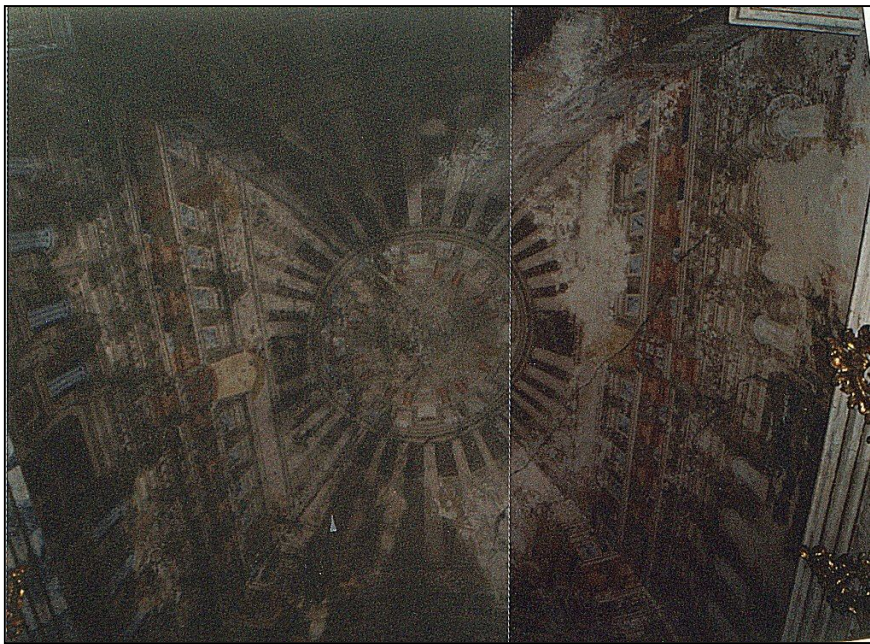


**Fig.28** – Vista das obras de 1937, para Desobstruir a porta Norte da Igreja.



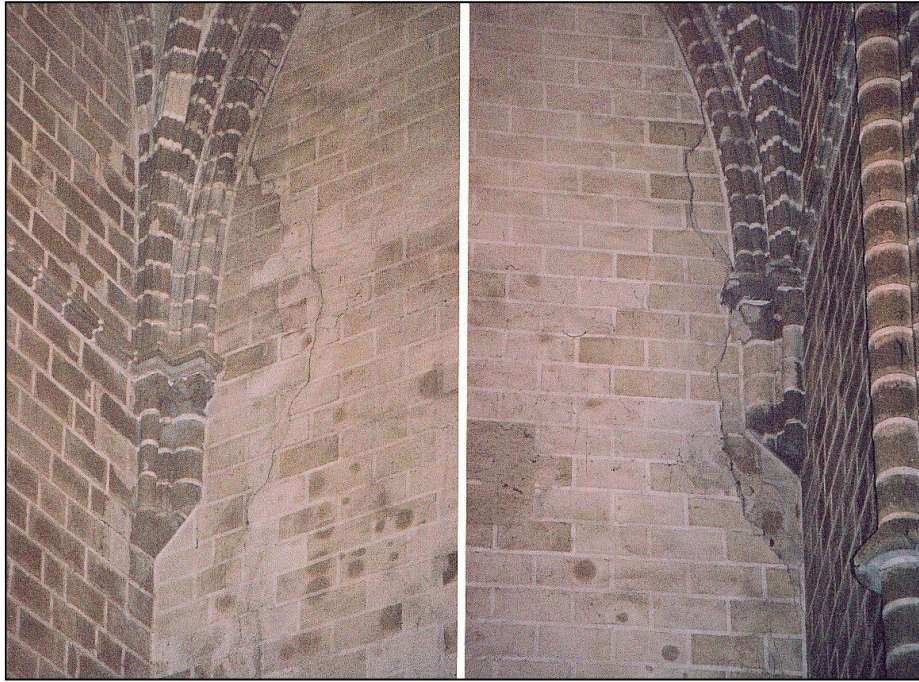


**Fig.29** – Porta Norte da Igreja em obras, **Fig.30** – Vista actual da porta Norte. 1937(DGEMN).

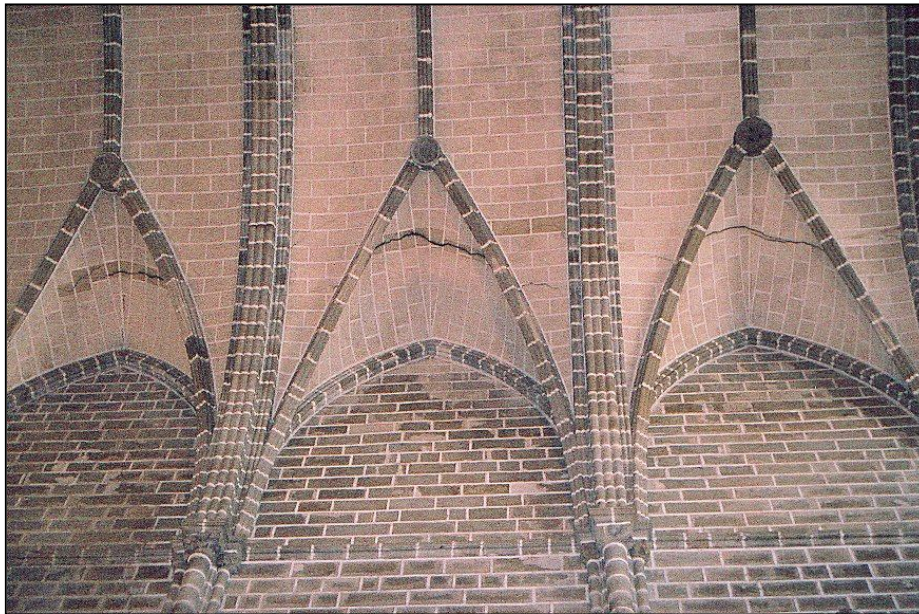


**Fig.31** – Vista do tecto da Sala do Consistório.



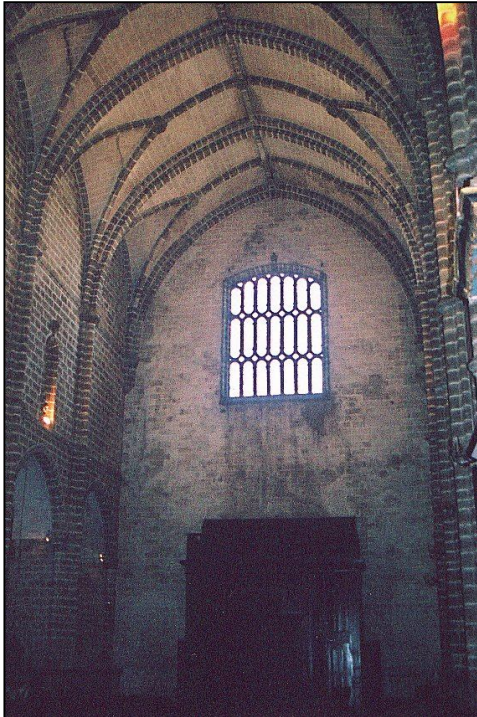


**Figs.32 e 33** – Vista das fissuras existentes no interior da fachada principal da Igreja, e que ladeiam o janelão, desta fachada.

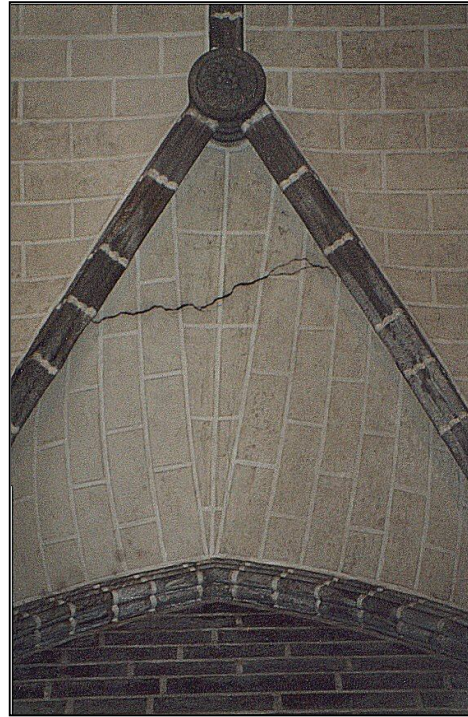


**Fig.34** – Vista das fissuras existentes no lado direito da abóbada da Igreja.

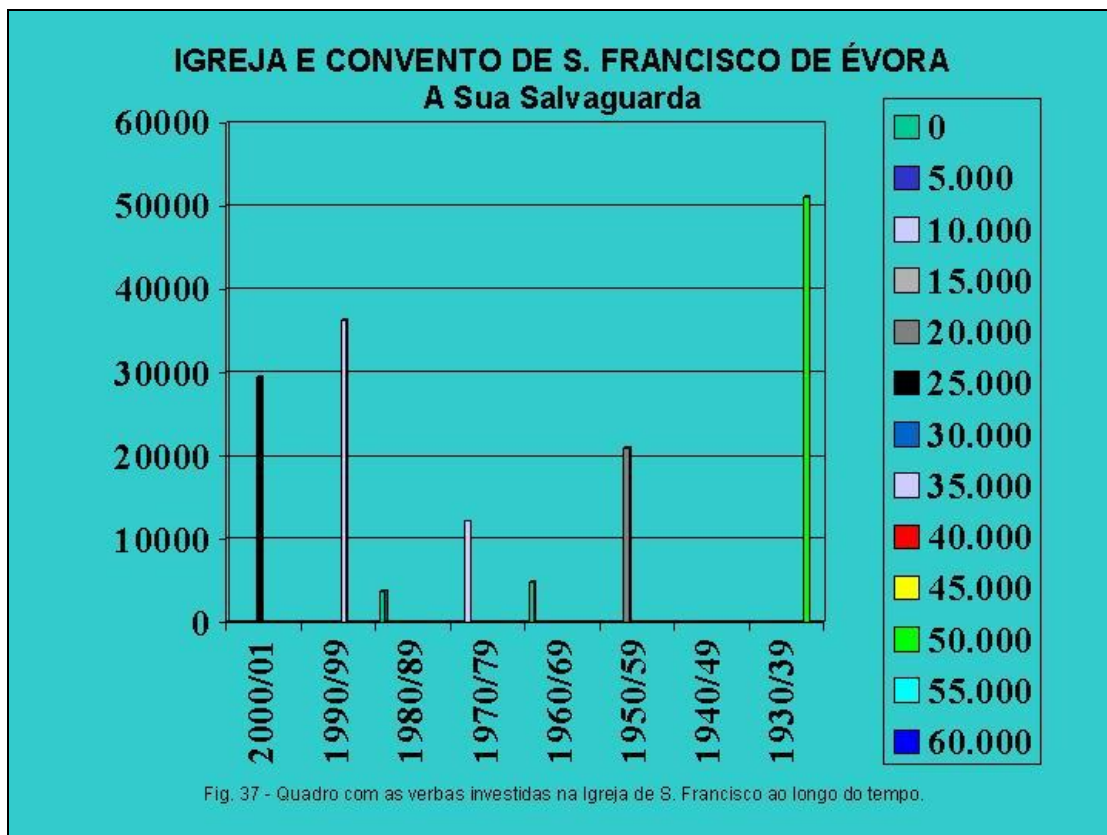




**Fig.35 – Vista do interior da fachada Principal da Igreja.**



**Fig.36 – Vista de uma das várias Fissuras que afectam a abóbada da Igreja.**



**Fig.37-** Quadro com as verbas investidas na Igreja e Convento de S. Francisco, ao longo das décadas.